

APAGAMENTO DAS ÁTONAS FINAIS: DE PROCESSO FONOLÓGICO À MORFOLOGIA AVALIATIVA

Jady Geovana Veroneses ALVES
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *Este artigo se dedica à análise do apagamento das átonas finais, que longe de ser um mero processo de economia articulatória, é examinado aqui sob a ótica Dos modelos baseados no uso (Byrvee, 2010; Traugott, Trousdale, 2013), sendo considerado um recurso explorado ativamente pelos falantes para fins expressivos. Descrevemos o processo e sua manifestação na língua e analisamos os diversos casos em que a forma reduzida possui um valor pragmático especializado. Em seguida, apresentamos os resultados do formulário obtidos a partir das respostas dos informantes.*

PALAVRAS-CHAVE: *Linguística Baseada no uso; apagamento de átonas finais; expressividade.*

INTRODUÇÃO

Inúmeros estudos linguísticos já comprovaram que a vivacidade da língua é responsável por suas constantes mudanças, e o que a torna viva são seus usuários a partir da capacidade inerente ao ser humano de estar sempre em transformação, seja por fatores históricos ou sociais. Com esses estudos, também é possível verificar fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que contribuem para as modificações na língua, as quais são cada vez mais frequentes.

Com o advento da tecnologia e da internet, as redes sociais passaram a ocupar um espaço crucial nas interações humanas, sendo um dos meios pelos quais os falantes mais se expressam e compartilham ideias. Junto a isso, vem a incessante busca por atribuir significados através das palavras, já que essas unidades simbólicas são uma das principais formas de expressão humana e, com isso, o falante acaba trazendo inovações à língua por sua necessidade expressiva. Assim, devido ao alto alcance das redes, tem-se percebido que, na geração atual, as variações que já ocorrem naturalmente na língua passam a acontecer de maneira muito mais rápida, acelerando o processo de inovação linguística.

Isso acontece porque nem todas as palavras de que dispomos conseguem abranger o significado que os usuários da língua (falantes/escreventes) desejam transmitir. As determinações de uso, no entanto, exploram diversos significados que muitas vezes não encontram significantes que deem conta de transmiti-los. É aí que surgem os neologismos, por exemplo. Além de novas palavras criadas pelos falantes na tentativa de expressar novos conceitos, há também mudanças fonético-fonológicas em vocábulos nos quais os usuários, intencionalmente, atribuem conotações específicas. Exemplo disso é o que acontece com “cabelitcho”, “gatin” e “fofíneo”, que têm em comum a gradação diminutiva, sendo os formativos *-(z)itcho*, *-(z)im* e *-(z)íneo* provenientes de outros sufixos presentes na listagem dos diminutivos: o primeiro de *-ito* e os dois últimos de *-inho*. Outro exemplo são palavras onomatopaicas, como “tititi” e vocábulos que passam pelo fenômeno da palatalização intencional, como a palavra “top”, gerando “tchop”.

Neste artigo, focalizamos apenas um processo sonoro usado com finalidades expressivas: a redução das átonas finais. Dividimos o texto da seguinte maneira: primeiro apresentamos o processo para, logo após, apresentar os dados de Alves (2025), recolhidos, sobretudo das redes sociais. Por isso, aplicamos alguns conceitos dos modelos baseados no uso na análise dos dados.

1. O FENÔMENO FONOLÓGICO

O sistema vocálico do português é descrito com menos vogais átonas que tônicas já desde Camara Jr (1970), principalmente na posição pos tônica final, contexto em que, na maior parte do Brasil, ocorrem apenas três segmentos, /i u a/. De acordo com Mattoso Camara Jr. (1970), as 7 vogais na sílaba tônica reduzem-se a 5 na sílaba pretônica e, depois, a 3 na sílaba átona final, conforme a ilustração a seguir:

Vogais tônicas	Vogais pretônicas	Vogais átonas finais
i		u
e		o
ɛ		ɔ
a		

No português brasileiro, mudanças fonéticas relacionadas às vogais postônicas finais são registradas através de realizações de vogais átonas em posição final de palavras. Cristófar-Silva e Vieira (2015), por exemplo, apontam como se dá a realização da vogal média na cidade de Santana do Livramento/RS por meio da variação entre [e] e [i] até o apagamento da vogal: [e] ~ [i] > Ø. As autoras apontam que dois são os casos que favorecem a redução vocálica: fricativas adjacentes, em que uma consoante fricativa, em especial sibilante [s, z, ʃ, ʒ], encontra-se em contextos precedentes à posição postônica final e a ocorrência de uma vogal alta em posição tônica da palavra.

O próprio Mattoso (1970) já afirmava que na fonologia brasileira, <e> e <o> surdos ou reduzidos são na realidade /i/ e /u/ em certas posições átonas ([i, u]), embora não tenham evidentemente o mesmo timbre que /i/ e /u/ tônicos. Destaca, ainda, que a posição postônica final é tão débil que muitas vezes essas vogais são sequer “percebidas”, deixando de ser produzidas. De fato, em muitos dialetos do português, são comuns realizações como [ˈveʒ] e [ˈkaz], para ‘vejo’ e ‘casa’, respectivamente.

Há muitas evidências desse fenômeno em diversas variedades do português. Vieira e Lopes (2017), por exemplo, analisam o processo variável de apagamento das vogais átonas [a, i, u] em posição final na fala de indivíduos da cidade de Pelotas (RS), conforme verificado em tarif[a] ~ tarifØ, equip[e] ~ equipØ, serviço ~ serviçØ, por exemplo. A seguinte citação deixa claro o amplo apagamento de /i, u, a/ finais:

No PB atual, são registradas realizações nessa posição que variam entre a redução até o apagamento da vogal, sendo que o apagamento total de vogais átonas faz emergir novos padrões fonotáticos, como uma coda /ts/ na realização de ‘potes’ [pɔts] (Leite, 2006; Nascimento, 2016) ou um onset /sp/ na realização de ‘espera’ [ˈspɐɾɐ] (GOMES, 2019; SILVA, 2019). Dubiela (2013), por exemplo, encontra, na fala de curitibanos, codas tradicionalmente não previstas em decorrência do apagamento do /i/ final, como em [oʒ] ‘hoje’, [bɔsk] ‘bosque’, [peʃ] ‘peixe’, e [dos] ‘doce’.

Semelhantemente, Dias e Seara (2013) encontraram dados como [saˈpat] ‘sapato’ e [kaˈzak] ‘casaco’ na fala de catarinenses; Cristófar-Silva e Faria (2014) relataram ar[d] ‘árido’ e ca[r] ‘cárie’ na fala de mineiros de Belo Horizonte; e Vieira e Cristófar-Silva (2015) encontraram produções como [ʃav] ‘chave’ em dados de gaúchos de Santana do Livramento. Esses achados destacam a importância de investigações sobre a produção de vogais átonas

no PB para a própria descrição fonológica da língua. (LIMA JÚNIOR; ARAUJO, 2022, p. 2)

2. A VISÃO DA FONOLOGIA DE USO

Segundo a Fonologia de Uso (Bybee, 2001, 2007) e a Teoria dos Exemplares (Johnson, 1997; Pierrehumbert, 2001, 2003; Foulkes, Docherty, 2006), os falantes acumulam exemplares a partir de dados experienciados por eles. Dessa forma, as unidades linguísticas a que o indivíduo foi exposto são categorizadas e estocadas em sua memória, refletindo em seu comportamento linguístico.

Diante disso, Bybee (1985, p.118) considera a possibilidade de diferentes graus de conexão entre itens lexicais: conexões fracas (itens com apenas similaridade fonológica), conexões médias (similaridade semântica) e conexões fortes (similaridade semântica e fonológica). Essas conexões possibilitam generalizações, a exemplo do vocábulo “chave” (Vieira, Cristófar-Silva, 2015), o qual pode ser associado a outras palavras que sejam dissílabas, paroxítonas, com sílaba CV e sujeitas à redução e possível cancelamento da sílaba átona final.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar a frequência, que, na abordagem construcional da gramática, distingue-se em frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*), como destacamos no capítulo 2. Os esquemas, as estruturas, são o que chamamos de *types*, e os construtos, as formações, são os *tokens*, ou seja, temos a frequência de construção e a frequência de construto, respectivamente.

a frequência com que itens lexicais são usados afeta a sua representação mental e a forma fonética das palavras. Assim, quanto mais um padrão se repete, mais gerais serão seus traços e mais facilmente se estenderão a outros itens (inclusive novos), promovendo generalizações. (Vieira, Cristófar-Silva, 2015, p. 386)

Como exemplo dessas generalizações, podemos citar as realizações dos sufixos *-(z)inho/- (z)im* no português brasileiro, marcando um processo de variação através da redução ocasionada pelo cancelamento da vogal reduzida <o> [u] e realização da nasal palatal apenas como nasalização da vogal alta precedente, [ĩ]:

certo > certinho > certim

legal > legalzinho > legalzim

só > soquinho > sozim

Nota-se que há uma redução sonora, caracterizada pelo apagamento da vogal átona final e modificação da consoante nasal. Pode-se verificar que, ao se acrescentarem os sufixos *-inho* e *-zinho* à palavra primitiva, o acento primário recai sobre a penúltima sílaba do vocábulo (especificamente na vogal /i/ do sufixo). Quando a palavra sofre a redução para *-(z)im*, o acento tônico permanece fixo na mesma vogal do sufixo. A alteração se dá apenas no padrão silábico, convertendo o vocábulo em oxítono devido à perda da sílaba postônica. Visto que há uma regularidade significativa na redução do sufixo *-(z)inho* a *-(z)im*, cabe investigar sob quais circunstâncias tais reduções tendem a acontecer."

3. MARCA DE MINEIRIDADE

De acordo com o blog “Dicionário de Mineirês”, “o sotaque mineiro é famoso no Brasil pelo **jeitim de falar** (grifo do autor) único e as inúmeras expressões e gírias regionais. Algumas são tão engraçadas que viram até meme por aí! Minas tem praticamente um dialeto próprio, que apelidamos carinhosamente de mineirês.” Em outro site, o/a blogueiro(a) também faz alusão a esse “jeitim” de falar: “Aqui, o diminutivo é uma expressão de carinho. O “pãozim” ou “cafezim” são parte do vocabulário afetivo do mineiro”. Vários restaurantes exploram essa tendência na nomeação do estabelecimento comercial

Figura 1 – Nomeações de estabelecimentos com “mineirês”



Fonte: Google

Uma canção sertaneja, cujo nome é “Facim, facim”, interpretada pela dupla Simone e Simaria, reconhecidas como expoentes do chamado “feminejo”, explora a vida e os costumes dos chamados caipiras e, para isso, faz o uso de *-im*:

É facim igual estrelas no céu
É contar o meu gadim
É facim, é
Igual contar estrelas no céu,
é contar o meu gadim

4. BREVE DESCRIÇÃO DO DIMINUTIVO E NOTAS SOBRE O MINEIRÊS

Segundo estudos tradicionais, o sufixo *-inho* encerra a ideia de diminuição, mas esta ideia não é a única, uma vez que outros efeitos de sentido são obtidos ao se acrescentar esse sufixo a um item lexical, abrangendo desde o afetivo ao pejorativo. Desse modo, devido à polissemia que *-inho* carrega, outras variantes são utilizadas para expressar o diminutivo, como é o caso de *-im*. No nosso entendimento, o processo fonológico, que marca o dialeto mineiro, constitui o gatilho para esse novo emprego intencional do sufixo *-inho*.

Nessa perspectiva, é fundamental compreender o mecanismo pelo qual um traço fonético outrora circunscrito a uma comunidade de fala específica sofre um processo de desterritorialização ao adentrar o digital. Ao empregar o apagamento da átona final e a redução nasal na forma *-im*, falantes de diferentes regiões do país não o fazem para emular a identidade regional mineira, mas sim para explorar o potencial pragmático dessa redução. O que antes operava como uma variação fonológica passiva e inerente ao sistema diatópico local passa a ser recrutado como uma ferramenta estilística consciente. Essa escolha intencional ocorre justamente porque a economia articulatória do *-im* atua como um "filtro", especializando-se como um índice exclusivo de ludicidade, atenuação e afeto superlativo que foge da polissemia do *-inho*.

O formativo *-im*, por sua vez, está presente na língua através de várias palavras lexicalizadas, como ‘camarim’, ‘flautim’, ‘estopim’ e ‘botequim’. Contudo, aparece em listagens de sufixos diminutivos como uma variante, pois existe uma variedade não só semântica, mas formal dos afixos de grau diminutivo, como *-acho(a)*, *-icho(a)*, *-ucho(a)*, *-ebre*, *-eco(a)*, *-ico(a)*, *-ejo*, *-ela*, *-elho(a)*, *-ilho(a)*, *-ulho*, *-ete*, *-eto(a)*, *-im*, *-inho(a)*, *-ino(a)*, *-isco(a)*, *-usco*, *-ito(a)*, *-zito(a)*, *-oca*, *-ola*, *-ote(a)*, *-oto* etc. (Bechara, 2009; Cunh, Cintra, 2013; Lima, 2011)

Analisando os ambientes propícios para as reduções de *-inho* para *-im* e *-zinho* para *-zim*, os resultados encontrados a partir das análises de Oliveira (2012) mostram que o apagamento pode estar vinculado à altura da vogal, caso seja seguida por uma pausa ou por uma consoante. Além disso, foi observado que houve apagamento em 100% dos casos quando o diminutivo é do gênero masculino, termina por [u] e vem seguido de uma pausa; no entanto, as sílabas foram mantidas quando terminam por [ə]. Essas reduções são frequentemente associadas a um determinado falar, mais especificamente designado como “caipira” (cf. Amaral, 1976; Marroquim, 1996; Nascentes, 1958), compreendendo os estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. (Amaral, 1976)

Em Costa (1985, p.15), temos um poema que explora esse aspecto:

Menino preto
do cabelo pixaim,
teu olhar tão preto
é o mais lindo
pra mim.
Menino preto
do nariz amassadim,
seu sorriso de preto
é o mais sorriso
pra mim.
Menino preto,
pele preta,
carvão assim,
você tem a cor da noite,
noite toda estrelinha
pra mim.
Não me venham com a mentira
que não engana ninguém:
sua alma não é branca
é preta e linda também!
Menino preto
de cabelo pixaim,

Apagamento das átonas finais: de processo fonológico à morfologia avaliativa

sua vida tão preta
traz tanta luz
pra mim!

Este texto remete ao dialeto mineiro através do uso de *-im*, em palavras como “amassadim”, que estabelece rima com “pixaim”, “mim”, “assim”. Desse modo, esse processo fonológico da redução da vogal átona final também é identificado como meio de materializar significados pelo falante, e isso porque a redução das vogais átonas finais, nesse caso especificamente, também vai além de um mero fenômeno fonético. Conforme a LFCU, essa modificação sonora é impulsionada por necessidades expressivas dos falantes. O emprego de *-im* expandiu-se para além da fala mineira (ou “caipira”, de um modo geral) ganhando nuances semântico-pragmáticas, apesar de já existir um *-im* sufixal, mas sem qualquer coerência semântica, nos termos de Aronoff (1976), o que levou à sua improdutividade, como se observa nos exemplos a seguir:

boletim	botequim	flautim
festim	manequim	tamborim
trampolim	espadachim	florim
folhetim	camarim	lagostim
clarim	patim	estopim

Como se vê, a noção de dimensão perde espaço, sendo praticamente impossível vincular tais palavras do ponto de vista formal e semântico. Desse modo, os novos empregos de *-im* de modo algum se relacionam com esse sufixo improdutivo; não há bloqueio justamente porque quase todas as formas listadas são lexicalizadas.

5. O FENÔMENO NA PERSPECTIVA DOS MODELOS BASEADOS NO USO

Sob a ótica da perspectivização, o apagamento da vogal final e a consequente nasalização de [ĩ] podem refletir a construção de intimidade, manifestando-se claramente na escolha do falante pela forma diminuta, que visa a transmitir um tom mais expressivo e proximal. A exemplo disso, temos “jeitosim” (de “jeitosinho”) e “facim” (de “facinho”), ilustrando como essa mudança sonora reflete uma atitude do falante em relação ao que está sendo comunicado.

A redução fonética não é acidental, mas uma escolha que constrói uma perspectiva de afeto e proximidade, alinhando-se à função atitudinal (GONÇALVES, 2019). O falante, ao adotar “jeitosim” ou “facim”, imprime uma marca subjetiva de carinho ou de uma avaliação descontraída da situação, tornando o discurso mais pessoal e afetuosos.

O poema de Costa (1985), com “pixaim” e “amassadim”, reitera essa dimensão da perspectivização. Embora o texto remeta a um dialeto específico (mineiro), o uso de *-im* para descrever “cabelo pixaim” ou “nariz amassadim” não apenas reflete uma característica regional, mas também uma forma de perspectivar esses atributos com uma camada de carinho ou familiaridade, o que seria esperado em um poema dedicado a um “menino preto”. A redução silábica, nesse contexto, materializa significados expressos pela subjetividade do falante, que deseja transmitir afeto e aceitação.

Jady Geovana Veroneses ALVES

A analogização opera na relação entre o sufixo tradicional *-(z)inho* e sua variante reduzida *-(z)im*, permitindo que a forma reduzida seja produtiva na língua, não apenas como uma variação fonológica, mas como um elemento que, por semelhança com a função diminutiva de *-(z)inho*, assume também essa função, muitas vezes com uma especialização de sentido para maior informalidade ou afeto. Tanto *-(z)inho* quanto *-(z)im* compartilham a capacidade de transmitir um sentido diminutivo, afetivo e/ou eufêmico e ambos são constituídos por uma nasalidade. Portanto, "certo > certinho > certim" exemplifica a analogia que leva à redução, possibilitando que a forma mais curta e afetiva se torne um modelo para outras palavras

Em relação à construcionalização, a forma *-(z)im* passa por esse processo, adquirindo um sentido especializado em relação a *-(z)inho*. Embora *-(z)inho* seja polissêmico, abrangendo desde o diminutivo dimensional ("bolsinho") até o afetivo ("mãezinha") e pejorativo ("gentinha"), a forma *-(z)im* tende a se construir como uma variante mais marcada pela afetividade e informalidade. A redução, portanto, não é meramente fonética, mas um processo que atinge a língua, criando ou alterando subcomponentes de uma construção (Traugott; Trousdale, 2013) e gerando uma "microconstrução" que tem como referência a intimidade e o afeto. Além disso, cabe destacar que a alta aceitabilidade dessas formas reduzidas entre os falantes e sua recorrência em contextos informais indicam uma convencionalização desse uso.

A frequência token de palavras com a redução *-(z)im* em contextos informais, como nas redes sociais e na fala coloquial, contribui para sua rotinização e cristalização. Essa repetição do padrão de redução não apenas o torna mais reconhecível, mas também mais suscetível à extensão para novos itens. A teoria dos exemplares (Johnson, 1997; Pierrehumbert, 2001, 2003) e a Fonologia de Uso (Bybee, 2001, 2007) explicam que os falantes acumulam exemplares, categorizando e estocando unidades linguísticas em sua memória, o que se reflete em seu comportamento linguístico. Assim, quanto mais um padrão se repete, mais gerais serão seus traços e mais facilmente se estenderão a outros itens (inclusive novos), promovendo generalizações. Com isso, o caráter regional da realização mais diminuta de *-(z)inho* acaba funcionando como gatilho para novas funções pragmáticas.

A frequência type, por sua vez, pode ser observada na produtividade do esquema de redução de *-(z)inho* para *-(z)im* em diversas bases lexicais. A capacidade desse padrão de se aplicar a múltiplos itens, mesmo que relativos a um registro mais informal, comprova sua produtividade.

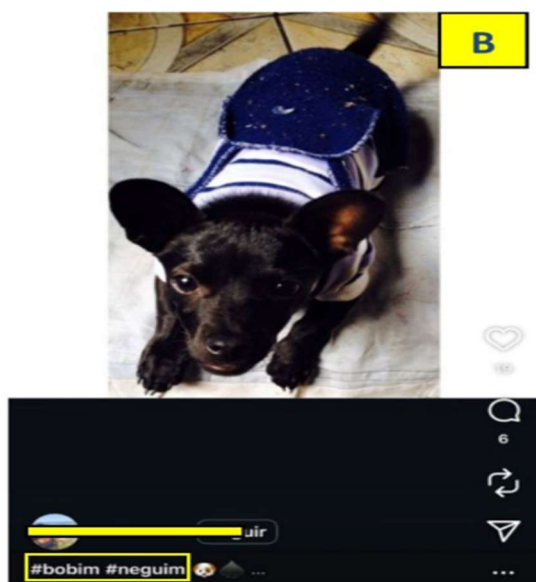
anjim	ventim	tristim
gatom	lugarzim	alegrim
patim	bichim	quietim
ratim	certim	bravim
peixim	legalzim	espertim
pãozim	sozim	pertim
solzim	pequenim	pouquim
meninim	bonitim	devagarzim/devagarim
cachorrim	feim	rapidim
passarim	mansim	
mocim	docim	

Desse modo, o apagamento das vogais átonas finais, especialmente a manifestação do sufixo *-(z)im*, é

um fenômeno lexical inovador impulsionado pela intencionalidade dos falantes. A perspectivização guia a escolha por formas mais íntimas e melódicas; a analogização permite a extensão do padrão diminutivo; a construcionalização consolida *-(z)im* como uma microconstrução com sentido especializado de afeto e informalidade; e a frequência garante a difusão dessas inovações no português brasileiro em uso.

6 Resultados do teste de percepção

Em relação à receptividade e uso dos falantes, aplicamos o formulário a seguir com a imagem extraída do instagram para que, em seguida, os informantes respondessem a pergunta “Em sua opinião, qual mudança de sentido há no uso de ‘bobim’ e ‘neguim’ em detrimento de suas formas originais/dicionarizadas ‘bobinho’ e ‘neguinho’”? Foram entrevistados, pelo Google Forms, dez homens e dez mulheres de três faixas etárias (como nos quadros a seguir) e três níveis de escolarização (básico, médio e superior).



Comecemos com alguns comentários feitos pelas mulheres:

Faixa etária 1 (12 a 21)	Faixa etária 2 (22 a 35)	Faixa etária 3 (36 a 50)
M1: Ao meu ver, funciona como uma tentativa de transformar a forma como as palavras são ditas, coloquialmente, na forma como elas são escritas (sem levar a norma padrão em consideração)	M4: Mais lúdico	M7: De sentido não há. Mas acho que deixa mais carinhoso. É como se fosse o diminutivo do diminutivo. Amo escrever assim.
M2: não acredito que tenha mudança de sentido, apenas seria uma forma mais "carinhosa" de se referir	M5: Enxergo como uma forma mais carinhosa também.	M8: Bobim e neguim é mais uma zoeira
M3: É um jeito mais doce de falar com e sobre alguém... tipo não chega a ser um bobinho	M6: Sentido mais cômico, menos "pesado"	M9: Pelo que já vi acredito que demonstra mais intimidade e carinho

Jady Geovana Veroneses ALVES

<i>completo, é só um "bobim" mesmo. E "neguim" é mais apelido pra não ser racista também.</i>		
---	--	--

Alguns comentários feitos por homens foram os seguintes:

Faixa etária 1 (12 a 21)	Faixa etária 2 (22 a 35)	Faixa etária 3 (36 a 50)
H1: <i>Soa mais descontraído e informal</i>	H4: <i>(Neguim) para se dirigir a uma pessoa, um moleque, um cara só que sem ser racista. (Bobim) Zoação, tirando onda, brincadeira (tá bobim, tu né?!)</i>	H7: <i>Rima e oralidade.</i>
H2: <i>Essas novas formas dão um tom mais íntimo e afetivo aos termos originais. Além de evitarem uma interpretação ofensiva dependendo do contexto.</i>	H5: <i>Carrega uma infantilização dos termos</i>	H8: <i>Uma espécie de diminutivo carinhoso</i>
H3: <i>Forma melhor de pronunciar... Neguinbo parece racista</i>	H6: <i>Sem mudança no sentido, apenas uma forma mais carinhosa de falar as mesmas palavras.</i>	H9: <i>Em se tratando de uma fala informal não vejo nenhuma mudança de sentido.</i>

O uso das formas "bobim" e "neguim", em detrimento das variantes padronizadas "bobinho" e "neguinho", demonstra a motivação expressiva que catalisa a construcionalização de um novo valor pragmático a partir da alteração fonológica (apagamento da vogal átona final). As respostas do teste de percepção indicam que o apagamento silábico adquire uma função indexical especializada, diferenciando-se da polissemia do sufixo *-inho*.

O principal consenso entre os informantes revela que a redução para *-(z)im* não é apenas uma variante fonológica, mas uma forma que se construcionaliza com um sentido mais específico e repleto de afeto e intimidade, operando como uma espécie "diminutivo de segunda ordem", que sinaliza maior intimidade e carinho.

- M7 (36 a 50): *“De sentido não há. Mas acho que deixa mais carinhoso. É como se fosse o diminutivo do diminutivo. Amo escrever assim.”*
- H2 (22 a 35): *“Essas novas formas dão um tom mais íntimo e afetivo aos termos originais.”*
- M9 (51 ou mais): *“Pelo que já vi acredito que demonstra mais intimidade e carinho”.*
- H8 (36 a 50): *“Uma espécie de diminutivo carinhoso”.*

A percepção de M7 sobre o "diminutivo do diminutivo" comprova que o formativo *-(z)im*, de fato, preenche a lacuna deixada pelo sufixo *-inho*, cuja alta polissemia o tornou um marcador geral. A forma reduzida é percebida como um índice de maior proximidade e informalidade, validando a ideia de que os falantes buscam uma nova forma para expressar

Apagamento das átonas finais: de processo fonológico à morfologia avaliativa

mais afeto, mais apreço e um registro mais íntimo, especialmente em contextos lúdicos e digitais ("*Mais lúdico*", M4, 22 a 35).

A análise de "neguim" revela o papel da inovação sonora como uma estratégia de atenuação. O falante escolhe a forma inovadora como um mecanismo de perspectivização para se distanciar de um potencial tabu. As respostas abaixo são particularmente reveladoras sobre o risco sociopragmático da forma original:

- H4 (22 a 35): "(*Neguim*) para se dirigir a uma pessoa, um moleque, um cara só que sem ser racista."
- H3 (36 a 50): "Forma melhor de pronunciar... *Neguinho* parece racista."
- M3 (12 a 21): "E '*neguim*' é mais apelido pra não ser racista também."

O falante utiliza a inovação sonora para remover o peso histórico/social da forma *neguinho*, indexando a nova forma *neguim* a um registro de humor e intimidade já estabelecido ("*Bobim e neguim é mais uma zoação*", M8, 36 a 50). A escolha fonológica atua como um eufemismo social de caráter lúdico. Ao associar a forma ao humor ("*Bobim e neguim é mais uma zoação*", M8, 36 a 50), o falante perspectiviza o referente sensível (raça/afeto) a partir de um ângulo cômico e descompromissado, o que é uma função primordial da perspectivização no discurso interacional, permitindo a negociação social de termos potencialmente ofensivos.

Alguns informantes, notadamente os mais jovens e da faixa intermediária, reconhecem o desvio da norma, mas o justificam por razões de humor, descontração e registro informal.

- M6 (22 a 35): "Sentido mais cômico, menos 'pesado'."
- H1 (12 a 21): "Soa mais descontraído e informal."
- H4 (22 a 35): "Zoação, tirando onda, brincadeira (tá bobim, tu né?!)"
- M1 (12 a 21): "funciona como uma tentativa de transformar a forma como as palavras são ditas, coloquialmente, na forma como elas são escritas (sem levar a norma padrão em consideração)."

O comentário de M1 sobre a escrita coloquial é uma evidência da função indexical de registro. O falante não só indexa a oralidade através da forma reduzida, como também usa a ortografia não-padrão para indexar o alinhamento social com a linguagem da internet e do grupo social. A variação sonora e ortográfica é, portanto, uma escolha estilística intencional para fins expressivos e de filiação grupal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho dedicou-se à investigação das inovações lexicais com modificação sonora intencional no Português Brasileiro, partindo da premissa de que a língua é um sistema dinâmico e adaptável, em constante atualização pela criatividade e pelas necessidades expressivas de seus falantes.

Para explorar e compreender as questões semântico-pragmáticas por trás desses usos, o estudo contou com o robusto aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Ao enfatizar a função da linguagem no uso real e nas necessidades comunicativas do sujeito, essa abordagem permitiu entender como a intencionalidade sonora se insere no processo de renovação lexical, transcendendo condicionadores puramente fonológicos.

Constatou-se que a fixação de novas formas no sistema linguístico depende, em grande parte, da interação social e da funcionalidade dessas palavras em contextos

Jady Geovana Veroneses ALVES

específicos. Ao analisar os dados sob a ótica da perspectivização, compreendemos que a atribuição de significados é materializada através de mudanças nas formas linguísticas que refletem a perspectiva do falante sobre o referente, seja pelo afeto, suavização, melodia de fala ou outras percepções subjetivas. A mudança sonora revelou-se, portanto, uma ferramenta ativa utilizada para negociar a distância social e até mesmo atenuar o potencial ofensivo de certos termos.

No processo de expansão do léxico motivado por essa expressividade, observou-se a atuação clara do princípio da analogização, em que um *type* original serve de modelo para a criação de um novo, explorando semelhanças fonológicas e posicionais. É nesse contexto que se consolida a construcionalização. Nas ocorrências com modificação sonora analisadas, o processo está ligado a um novo e convencionalizado pareamento de forma e sentido, frequentemente preenchendo lacunas funcionais deixadas por construções polissêmicas. A fixação e a rotinização dessas novas construções são garantidas pela frequência de uso (*token*), cuja alta ocorrência em redes sociais reforça sua aceitação e convencionalização.

Os resultados empíricos obtidos nesta pesquisa confirmam a plasticidade da língua e a especialização semântica dos fenômenos investigados. A análise do apagamento das átonas finais, por exemplo, demonstrou que formas como *bobim* e *neguim* não são meras variações fonéticas, mas inovações lexicais que se construcionalizaram com um valor específico de afeto intenso e informalidade, distinguindo-se funcionalmente da forma original com o sufixo *-inho*.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. G. V. -íneo como novo formativo no português brasileiro contemporâneo. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro (UFRJ), 2025.
- AMARAL, A. O dialeto caipira. 2.ed. São Paulo: Huicitec/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 43.
- ARONOFF, M. Word Formation in Generative Grammar, Linguistic Inquiry Monograph 1, MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1976.
- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. rev., ampl. e atual. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. Morphology: a Study of the Relation between Meaning and Form. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- BYBEE, J. Phonology and Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, J. Frequency of use and the Organization of Language. Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMARA JR., J. M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COSTA, S. D. João Balalão e outros Poemas, Col. Tempero, Uberlândia: Edilit, 1985.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. Iniciação à fonética e à fonologia. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. *et al.* Revisitando a palatalização no português brasileiro. Revista de Estudos da Linguagem, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 6.^a ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- GONÇALVES, C. A. “Morfopragmática da intensificação sufixal em português”. Revista de Letras 24.1-2: 43-50, 2002.
- GONÇALVES, C. A. A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 48, pp. 899-918, 2019.
- JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization: An exemplar model. In JOHNSON, KEITH; MULLENIX, J. W. (eds.). Talker Variability in Speech Processing. San Diego: Academic Press, p. 145-165, 1997.
- LIMA JÚNIOR, R. M.; ARAUJO, F. A da S. Produção das vogais altas em sílabas postônicas finais no falar popular de fortalezenses. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022017, 2022. DOI: [10.20396/cel.v64i00.8665661](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665661). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665661>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- LIMA, C. H. da R. Gramática Normativa da língua portuguesa. 4^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARROQUIM, M. A língua do Nordeste. Curitiba: HDLivros, 1996, p.9.
- NASCENTES, A. Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p.7.

Jady Geovana Veroneses ALVES

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: J. Bybee and P. Hopper (eds.), *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TRAUGOTT, E. C. "Revisiting Subjectification and Intersubjectification". In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010. pp. 1-23. (Topics in English Linguistics).

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, M. J. B.; CRISTÓFARO SILVA, T. Redução vocálica em postônica final. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1245>. Acesso em: 22 jun. 2023.

VIEIRA, M. J. B.; LOPES, F. P. Cancelamento vocálico de postônicas finais: efeitos de frequência. *Revel*, n. 14, p. 25-44, 2017.

ELIMINATION OF FINAL OBULES: FROM PHONOLOGICAL PROCESS TO EVALUATIVE MORPHOLOGY

ABSTRACT: *This paper is dedicated to the analysis of the elimination of final non stressed vowel, which, far from being a mere process of articulatory economy, is examined here from the perspective of usage-based models (Bybee, 2010; Traugott, Trousdale, 2013), being considered a resource actively exploited by speakers for expressive purposes. We describe the process and its manifestation in the language and analyze the various cases in which the reduced form has a specialized pragmatic value. We then present the results of the questionnaire obtained from the informants' responses.*

KEYWORDS: *Usage-Based Linguistics; elimination of final obules; expressiveness.*